



ENTREVISTA COM ERNESTO SANTOS, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPANHÃ

## “COM MAIS DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA, “PEQUENOS GRANDES” PROBLEMAS PODERIAM SER RESOLVIDOS QUASE NO IMEDIATO”

**Face à conhecida limitação de competências e de recursos que afeta as juntas de freguesia, como é possível fazer-se uma gestão adequada a tempos de pandemia num território com tanta população vulnerável a habitar mais de 15 bairros e várias dezenas de ilhas e em que a proximidade se encontra altamente comprometida?**

**Ernesto Santos (ES)** – Vamos gerindo... Felizmente, temos um excelente gabinete de ação social, que trabalha em conjunto com outras instituições e que mantém o seu serviço de atendimento e vai respondendo às situações que implicam satisfação das necessidades mais básicas. Além de bastante envelhecida, esta é uma freguesia também bastante empobrecida e uma boa parte do nosso orçamento é canalizada para a ação social, direta e indireta, através de outras instituições que apoiamos. Quanto aos bairros, devo lembrar que, pela forma como foram construídos, especialmente na década de 60, não estavam preparados para as condições de vida atuais. Não obstante a Câmara Municipal do Porto já ter realizado obras em quase todos, o que é uma atitude louvável, os interiores ainda se mantêm como há 60 anos e essa franja da população representa sensivelmente metade da freguesia.

**Fala numa população envelhecida, população essa que, há cerca de 60 anos viviam em miséria, com muitas doenças, com falta de emprego, carências sociais e económicas, violência... 60 anos depois, qual é a situação?**

**ES** – Temos que ser justos e dizer que, 60 anos depois, a situação é bastante melhor no capítulo social. Embora manifestamente pouco, o governo vai subsidiando as pessoas sem qualquer meio de subsistência... Há cerca de 60 anos, quando eclode a Guerra Colonial, Portugal depara-se com muitos problemas, mas diria que o desemprego até nem era um deles, uma vez que com a ida de milhares para o Ultramar, a mão de obra até escasseava. Hoje não. Hoje, os computadores e as máquinas fazem muito do que o homem fazia, logo, para pessoas com menos literacia essa foi uma enorme desvantagem, que não lhes deu a possibilidade de uma adaptação à vida atual. E ainda hoje se veem pessoas que têm apenas a quarta classe e com grandes dificuldades em aceder aos meios tecnológicos. Daí o desemprego que, numa freguesia como a minha, também se atribui a esse tipo de fenómeno.

**Em que medida tem ajudado o facto de Campanhã ser uma freguesia com raízes e tradições associativas bastante vincadas?**

**ES** – Sem dúvida... a Junta tem um programa de apoio e uma relação de amizade com o associativismo bastante forte. Aliás, a maior parte dos autarcas locais passaram pelo associativismo, o que lhes confere uma maior sensibilidade particular. Em Campanhã, existe de facto bastante associativismo que, infelizmente, devido à pandemia, se encontra completamente parado, com problemas acrescidos para as instituições que se veem forçadas a ter que continuar a assegurar o cumprimento de despesas fixas,

atravessando um momento de crise, de certa forma debelado pela Junta. Mas, assim como se verifica na ação social, a Junta não tem capacidade para acudir a todos. Mas temos feito um esforço enorme para as manter vivas, apesar de fechadas. Estas associações fazem uma falta tremenda num meio como o nosso, em que muitas crianças, após o horário escolar, encontravam o único local onde se alimentavam. Depois, temos inúmeras associações desportivas, culturais, nos últimos anos surgiram seis associações teatrais... Também nesse aspeto Campanhã evoluiu bastante.

**Sabemos também que o consumo e o pequeno tráfico de droga é uma realidade, há muitos anos, nalguns locais da freguesia... de que forma procura gerir politicamente essa situação?**

**ES** – Como é sabido, é muito difícil a uma autarquia, sem meios, meter-se nos mercados nacionais de tráfico. Se eu ainda passo por certos locais e dou os meus conselhos é porque ainda têm por mim uma grande dose de respeito... alguns ouvem, aceitam os meus conselhos mas, passada meia hora, está tudo na mesma. Nalgumas situações demasiado evidentes e que começam a importunar os moradores, informamos as forças da autoridade, que vão resolvendo na medida do possível. Mas hoje não é fácil apanhar um traficante, que se esconde por trás de meia dúzia de indivíduos que, se forem apanhados com cinco ou seis doses, não são criminalizados, apesar de o fazerem 10 ou 20 vezes por dia... É verdade que Campanhã tem esses problemas e não os podemos tapar com a peneira...

**O que se poderia fazer, na sua opinião, para procurar minimizar estes riscos e danos relacionados com os bairros sociais?**

**ES** – Falar nesta problemática procurar soluções equivale a promover várias reflexões, especialmente na ordem social e da empregabilidade. Creio que muitos desses indivíduos que se dedicam ao chamado pequeno tráfico, e que não é assim tão pequeno quanto isso, não entrariam nesse tipo de crimes ou não seriam vítimas dos grandes traficantes se dispusessem de um subsídio social capaz. Embora estejamos atualmente melhor do que estávamos há uns anos atrás, os apoios existentes ainda são insuficientes para combater este tipo de criminalidade.

**Como se encontra atualmente o bairro São João de Deus, outrora um grande ponto de tráfico da cidade, que foi desmantelado e para o qual estava prevista uma requalificação?**

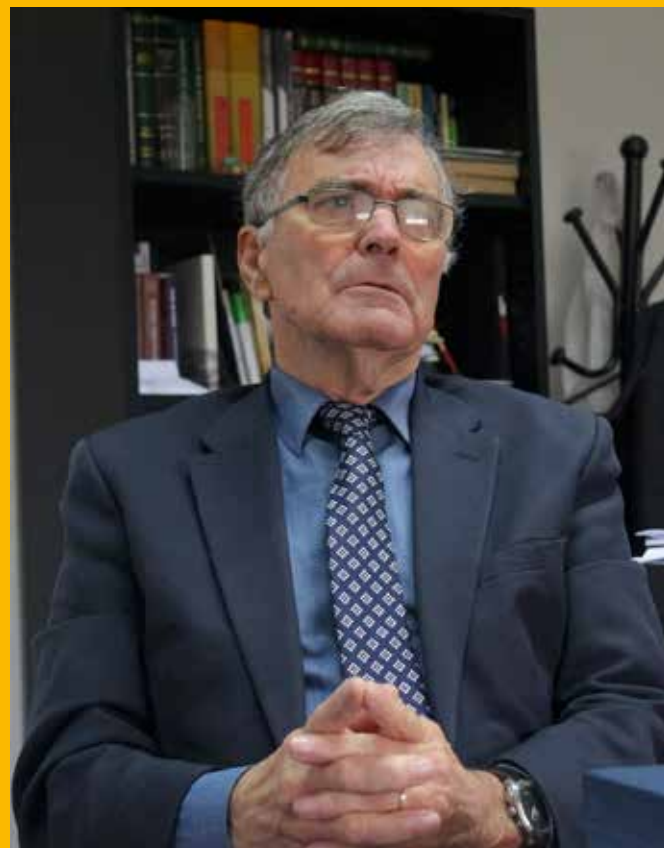
**ES** – O bairro continua a ser reconstruído, fruto de um projeto muito bom e bonito, mas a construção deixa a desejar e temos vindo a auscultar várias queixas de infiltrações. Ora, a lei obriga os autarcas a aceitar os orçamentos mais baixos e, neste caso concreto, cumpriu-se a máxima de que o barato sai caro...

**Que soluções políticas deveriam ser implementadas no sentido de melhorar as condições de vida nesses territórios mais vulneráveis?**

**ES** – Só com uma delegação de competências capaz, que delegasse nas juntas de freguesia meios financeiros e ferramentas para fazer essa gestão... por várias razões que são fáceis de perceber, entre as quais a dimensão populacional, é muito mais fácil para as pessoas chegarem até nós do que a uma câmara. Por isso, entendo que deveria haver delegação de competências para as juntas para que esses “pequenos grandes” problemas pudessem ser resolvidos quase no imediato. Tenho, no entanto, que salvaguardar que algumas das questões ou reclamações que chegam à Junta são por nós transmitidas à Câmara e, de certa, forma, são resolvidas com um tempo razoável... E devo acrescentar que as transferências financeiras da Câmara Municipal do Porto para a Junta de Freguesia de Campanhã são bem superiores às que o Estado transfere... e os nossos funcionários são públicos e o Estado nem sequer o ordenado lhes paga...

## Um novo olhar por parte da autarquia

“Nestes últimos oito anos, a Câmara Municipal do Porto virou-se muito para Campanhã e, por várias razões, até no próprio PDM, tem demonstrado que está interessada no desenvolvimento da freguesia. E não falo por interesses pessoais ou partidários porque, desde que cá estou e enquanto cá estiver, verei sempre os interesses da freguesia e do seu desenvolvimento. Mas tenho que ser justo e afirmar que, desde há oito anos para cá, a Câmara Municipal do Porto fez mais por Campanhã do que durante décadas outros fizeram. Durante décadas, Campanhã foi sendo esquecida, sendo apenas lembrada quando se tinha de construir mais um bairro social...”



## Campanhã vai ganhar nova vida

